

**O NAVIO E O MAR: ESPAÇOS DE DESTRUIÇÃO E (RE)CONSTRUÇÃO
DA DIGNIDADE HUMANA EM
UM DEFEITO DE COR ANA MARIA GONÇALVES**

**THE SHIP AND THE SEA: SPACE FOR DESTRUCTION AND
(RE)CONSTRUCTION OF HUMAN DIGNITY IN *UM DEFEITO DE COR* (A
DEFECT OF COLOR), BY
ANA MARIA GONÇALVES**

Sandra Maria dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos relacionados à constituição do espaço ficcional do romance metaficcional historiográfico *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves (2006). A obra, representante da literatura afro-brasileira contemporânea, apresenta no que se refere à espacialidade uma edificação gigantesca, dado o grande número de ambientes nos quais se passa a história. Transitando entre dois grandes continentes, o africano e o americano, que dialogam contraditoriamente entre si, intercambiando vidas, destinos, dores e alegrias, separados pela imensidão do mar, ora calmo, ora agitado. A autora constrói um rico painel narrativo e geográfico passando por todos os grandes momentos de lutas, derrotas e conquistas sociais e históricas do Brasil no século XIX. Aqui daremos ênfase ao espaço marítimo atlântico, oceano e navio, palcos de mitos, lendas, verdades e agruras sobre a saga dos africanos trazidos escravizados para o Brasil. O navio, como propulsor de mudanças radicais de vidas e histórias aparece por três vezes na narrativa, a cada uma com função distinta da anterior. As travessias atlânticas empreendidas por Kehinde, narradora protagonista, nos apresenta a figura do mar e do navio como espaços paradoxais, topofóbicos e topofílicos.

Palavras-chave: 1- Espacialidade na narrativa 2-Literatura-afro-brasileira 3- História 4- Diáspora

¹ Mestra em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB. Professora da SEE/DF

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze certain aspects related to the constitution of the fictional space of the meta-fictional historiographic novel, *Um defeito de cor*, by Ana Maria Gonçalves (2006). The work, representative of contemporary Afro-Brazilian literature, presents, with reference to spatiality, a gigantic edifice, considering the large number of environments in which the story occurs. Transiting between two great continents, African and American, which hold a contradictory mutual dialog, it alternates lives, destinies, pain and joy, separated by the immensity of the sea, now calm, now agitated. The author constructs a rich narrative and geographic landscape, passing through all the great moments of social and historical struggles, defeats and conquests in nineteenth century Brazil. Here, we emphasize the maritime space of the Atlantic: ocean and the ship, and the scene of myths, legends, truths and bitterness about the saga of the Africans brought as slaves to Brazil. The ship, as instrument of radical changes in lives and histories, appears three times in the narrative, each time fulfilling a different purpose than in the previous ones. The Atlantic crossings undertaken by Kehinde, the protagonist-narrator, present us with the figure of the sea and the ship as paradoxical, topophobic and topophylic spaces.

Keywords: 1. Spatiality in narrative, 2. Literature- afro-brazilian, 3. History, 4. Diaspora.

Introdução

Mas a pior de todas as sensações, mesmo não sabendo direito o que significava, era a de ser um navio perdido no mar, e não a de estar dentro de um. Não estava mais na minha terra, não tinha mais a minha família, estava indo para um lugar que não conhecia sem saber se ainda era para presente ou, já que não já que não tinha mais a Taiwo, para virar carneiro de branco. (GONÇALVES, 2006, p. 61).

O espaço em *Um defeito de cor* é uma construção monumental, que desempenha um papel decisivo na construção do romance e nos efeitos estéticos do texto. Zilá Bernd no artigo “Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves”, afirma ser o romance de Ana Maria Gonçalves um *roman-fleuve* (que flui como um rio). Essa denominação é dada por causa da quantidade de personagens e ações presentes na obra de Gonçalves. Segundo Bernd, são

considerados como tal (*roman-fleuve*) as obras de Tolstói (*Guerra e Paz*) e, no Brasil, de Érico Veríssimo (*O tempo e o vento*). (BERND, 2012, p. 30).

A temática da obra se explicita a começar pelo título, que já denota um espaço de dor, sofrimento e negação de identidade, pois atribui aos negros, “um defeito” devido ao fenótipo, a cor da pele. Eis o que nos diz Kehinde sobre tal prática:

[...] fiquei muito espantada com o que ouvi logo depois, que em uma época não muito distante da nossa, os religiosos europeus se perguntavam se os selvagens da África e os indígenas do Brasil poderiam ser considerados gente. Ou seja, eles tinham dúvida se nós éramos humanos e se podíamos ser admitidos como católicos, se conseguiríamos pensar o suficiente para entender o que significava tal privilégio. Eu achava que era só no Brasil que os pretos tinham que pedir licença do defeito de cor para serem padres, mas vi que não, que na África também era assim. Aliás, em África, defeituosos deviam ser os brancos, já que aquela era a nossa terra e éramos em maior número. O que pensei naquela hora, mas não disse, foi que me sentia muito mais gente, muito mais perfeita e vencedora que o padre. Não tenho defeito algum e, talvez para mim, ser preta foi e é uma grande qualidade, pois se fosse branca não teria me esforçado tanto para provar do que sou capaz, a vida não teria exigido tanto esforço e recompensado com tanto êxito. (GONÇALVES, 2006, P. 893).

O romance conduz o leitor a diferentes espaços de convivência, reafirmando o Atlântico como elemento de convergências históricas e culturais entre África e Brasil.

Criando uma personagem diaspórica por excelência, Ana Maria Gonçalves apresenta-nos uma história que não termina nos porões dos navios negreiros, mas que é produto de tradições e traduções com as quais os escravizados tiveram que aprender a conviver, e, mais, que possibilitou em grande medida a adaptação a lugares tão diversos de sua realidade original, exigindo alta capacidade para responder a estes desafios.

O processo de diáspora africana é marcado por trocas culturais que impossibilitam classificar como uma as culturas africanas, americanas e europeias que dão origem ao que o sociólogo inglês Paul Giroy em sua obra, *O Atlântico negro, modernidade e dupla consciência* denomina de “Atlântico Negro”, um espaço de intercâmbios.

Trata-se de um processo em que fronteiras étnicas e culturais adquirem novos sentidos, no qual a perda, o exílio e a viagem são vistos muito mais como processo no qual é redefinida a dinâmica política, cultural e histórica de pertencimento do que uma dispersão desordenada e catastrófica. Seria a desterritorialização da cultura em oposição à ideia de culturas nacionais com fronteiras demarcadas, consequência da modernidade.

As experiências diaspóricas foram produzidas desde o início do tráfico negreiro, considerado como “trauma original”, permanecendo e sendo traduzidas e representadas

pelos sentimentos de dor, estranhamento, encantamento, pertencimento e alienação tanto em solo brasileiro, quanto no africano.

Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem. (GILROY, 2002, p. 25).

Saindo da África como escravizados, vítimas dos europeus e dos próprios negros, estas pessoas passam a pertencer a um entre-lugar, em processo ao mesmo tempo de exclusão, desconstrução e construção, por meio principalmente de angústia e estranhamento, uma vez que a experiência da diáspora está para além do espaço físico. Não se resume a um simples deslocar-se, mas permanecer entre fronteiras: sociais, linguísticas e culturais.

Kehinde relata, comovida, as últimas palavras de sua avó, que fala sobre a comunhão com seus antepassados e com toda a natureza. Trata-se, numa palavra, da defesa da cultura ancestral, feita com dor pungente no peito, por uma mulher negra:

[...] minha avó disse que estava se sentindo fraca e cansada, que perdia a força e a coragem longe dos seus voduns, pois tinha abandonado a terra deles, o lugar em que eles tinham escolhido viver e onde eram poderosos, e eles não tinham como segui-la. Durante dois dias ela me falou sobre os voduns, os nomes que podia dizer as histórias, a importância de cultuar e respeitar os nossos antepassados. Mas disse que eles, se não quisessem, se não tivessem quem os convidasse e colocasse casa para eles no estrangeiro, não iriam até lá. Então, mesmo que não fosse através dos voduns, disse para eu nunca me esquecer da nossa África, da nossa mãe, de Nana, de Xangô, dos Ibêjis, de Oxum, do poder dos pássaros e das plantas, da obediência e respeito aos mais velhos, dos cultos e agradecimentos. A minha avó morreu poucas horas depois de terminar de dizer o que podia ser dito, virando comida de peixe junto com a Taiwo. (GONÇALVES, 2006, p. 60-61).

É a busca pela preservação de aspectos sociais, culturais e históricos, o espaço da memória como legitimadora de identidades.

Da África ao Brasil – a primeira travessia

Kehinde, a protagonista, transita por um universo espacial enorme, desde África, com a descrição de aspectos peculiares a cada uma das regiões destacadas no romance, primeiro, o embarque e sofrimento a bordo do navio negreiro, suas impressões ao pisar pela primeira vez o solo brasileiro na ilha de Itaparica, passando por Salvador com seus

casarões, praças e igrejas. Depois, a chegada ao Rio de Janeiro com suas livrarias, ateliês, teatros e artistas internacionais, até embarcar novamente em um navio, de volta à África, agora com outras características pessoais e sociais. E é acerca do papel espacial do navio e conseqüentemente do mar na vida dos escravizados e retornados que trata este trabalho.

O espaço da primeira travessia é marcado pelo desconhecimento acerca do destino final de uma viagem imposta. Ela tem início com os primórdios da autoafirmação de soberania das nações europeias no século XVI e se consolida com a exploração da rota marítima atlântica. Esse caminho é o marco do desenvolvimento colonial e comercial europeu, que garantirá ao continente, prosperidade e hegemonia sobre outras partes do mundo durante séculos.

A primeira travessia atlântica empreendida por Kehinde é realizada a bordo de um navio negreiro, espaço topofóbico por excelência, devido às condições impostas aquelas pessoas que pouco a pouco durante a viagem vão sendo destituídas de dignidade e humanidade.

Borges Filho na obra *Espaço e literatura: Introdução à Topoanálise* (2007) afirma ser a *topópatia* um aspecto importante da topoanálise e a define da seguinte forma:

(...) o neologismo topopatia significa a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço. Esse elo assume inúmeras formas e é extremamente variável em amplitude e intensidade emocional. (p. 157)

Existe, pois em uma narrativa, entre o espaço e as personagens uma relação que suscita nestas sentimentos e emoções provocadas por aquele. O espaço influencia o comportamento das personagens. Podendo esta influencia ser positiva, prazerosa (topofilica) ou extremamente negativa, dolorosa, amedrontadora (topofóbica).

Em *Um defeito de cor* a protagonista vivencia ambas as experiências. O espaço da primeira travessia, marcado pelo desconhecimento acerca do destino final de uma viagem imposta, que retira literalmente dos escravizados “o chão” vai dar o tom do que seria a vida dessas pessoas ao cruzarem o oceano Atlântico. .

Eram três os nomeados pela narradora: no momento em que adentram ao navio, ela mesma Kehinde, sua irmã e sua avó. Ali, na primeira travessia, Kehinde será a única sobrevivente de sua já reduzida família. Ela e os outros aprisionados viverão uma experiência que marcará para sempre suas vidas, com lances dantescos e trágicos.

Durante a viagem com destino ao Brasil, são narrados os horrores vividos por aquele grupo de pessoas, totalmente destituídas de dignidade. São inúmeros os doentes

em razão das condições precárias de higiene, falta de água, de ar e de comida. Taiwo e sua avó não conseguem concluir a travessia, morrem antes de chegar ao Brasil, sendo seus corpos como os de todos os outros mortos lançados ao mar.

Retiraram o corpo do Benevides e a noite foi tranqüila, dormimos quase agradecendo o favor que tinham feito ao nos darem comida. Mas, na manhã seguinte, três outros homens apareceram mortos, tinham se enforcado durante a noite. Ao retirarem os corpos, os guardas avisaram que se mais alguém se matasse, o corpo ia ficar ali mesmo, até o fim da viagem que mal tinha começado, como um castigo para todos os outros. A partir daquele aviso, quase ninguém dormiu direito para vigiar os companheiros, porque não queria ter ao lado um cadáver apodrecendo. Talvez mais pelo incômodo de sabê-lo morto e de vê-lo sendo devorado por fora, porque por dentro já nos sentíamos um pouco mortos. (GONÇALVES, 2006, p. 51).

Sendo esta experiência topofóbica e desumana um dos aspectos de que relegou aos escravizados o espaço de subalternidade histórica, social e até mesmo literária.

Do Brasil à África – a segunda travessia

A segunda travessia é aquela em que muitos anos depois o sonho da personagem se realiza e Kehinde retorna à África, novamente a bordo de um navio. Ela está, no entanto, numa situação completamente diferente da anterior, quando veio como escravizada para o Brasil. Nesta viagem, consegue-se perceber o espaço ocupado pela narradora

Saí de São Salvador a vinte e sete de outubro de um mil oitocentos e quarenta e sete e desembarquei em Uidá a vinte e dois de novembro, no mesmo local de onde tinha partido trinta anos antes. As situações eram distintas, mas o medo era quase igual, medo do que ia acontecer comigo dali em diante. É claro que os motivos também eram diferentes, porque naquela volta eu seria a única responsável pelo meu destino, e na partida tudo dependia daqueles que tinham me capturado. Eu não me lembrava muito bem da África que tinha deixado, portanto, não tinha muitas expectativas em relação ao que encontraria. Ou talvez, na época, tenha pensado isso apenas para me conformar, porque não gostei nada do que vi (GONÇALVES, 2006, p. 731).

Tudo era bem diferente da primeira viagem, na qual lhes foram arrancados todos os pertences, saindo de África como “o migrante nu”, para empregar a expressão de Édouard Glissant. Todos os prisioneiros iam carregando internamente consigo apenas seus valores religiosos e culturais, e ainda esses lhes seriam usurpados, como fora seus próprios nomes.

No retorno à África, contudo, levavam agora, além da certeza de que nada mais será como antes, nem cá, nem lá, a esperança de que uma nova vida começa. Esta estava representada não somente pela liberdade, mas também pela bagagem. Carregava os símbolos de superação das adversidades, ainda que fossem simples objetos de lembranças de uma vida que a ninguém agradaria voltar, pois era uma vida de cativo. Essa cruel realidade deixa de existir, dando lugar a novos sonhos e esperanças, de que a vida do lado de lá do Atlântico poderia finalmente ser melhor. Gonçalves pontua, no relato de Kehinde, o hibridismo cultural e identitário:

Além da carga, poucas outras coisas me acompanhavam um baú com roupas e os tesouros que também carrego agora para te mostrar: um dos bastonetes usados no controle de pagamentos na confraria da Esmeralda, o tabuleiro onde vendia cookies, presente do Francisco e do Raimundo, a Oxum dada pela Agontimé, o livro de sermões do padre Vieira, lembrança do Fatumbi, a Bíblia comprada em São Sebastião, a toalha bordada que ganhei na roça da sinhá Romana e o lenço encarnado do Piripiri. (GONÇALVES, 2006, p. 730).

Kehinde fala sobre seus companheiros de viagem, não mais acorrentados e maltratados, mas seres humanos dotados de uma sensibilidade compartilhada, trazida à tona pela ocupação de outro espaço, que lhes confere dignidade e altivez. Em comparação com os porões em que foram jogados na primeira viagem, o alojamento de agora, com pouco conforto, mas com mais espaço e camas arrumadas, era motivo de felicidade:

Eles foram muito gentis e me deixaram ocupar sozinha com a minha bagagem três camas que ficavam sobrepostas, no canto, para que eu tivesse mais privacidade, e se dividiram nas outras seis. Era um bom alojamento, um pouco abafado, mas as camas estavam preparadas com esteiras bem grossas, quase macias, e ainda tinham correntes em que podíamos amarrar nossos pertences, para que não fossem jogados de um lado para outro durante a travessia. Fiquei feliz por aquilo não lembrar em nada o porão ocupado na viagem da África para o Brasil, o que não seria agradável. (GONÇALVES, 2006, p. 732).

Pessoas partilhavam com ela a experiência de estar voltando, sob outras condições, para um lugar que permaneceu vivo, na memória, que foi o *leitmotiv* e a esperança da maioria delas para permanecer vivas. Afinal, como afirma Sayad,

[...] A nostalgia do lugar tem um grande poder de transfiguração de tudo o que toca e, como o amor, efeitos de encantamento, evidentemente, e mais ainda, efeitos de sacralização e santificação: o país, o solo nacional, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares privilegiados da nostalgia (e pela nostalgia), e em cada um desses lugares, cada um desses pontos de partida que são o objeto de um

intenso investimento da memória nostálgica, tornam-se lugares sacralizados, benditos [...]. (SAYAD, 2000, p. 14).

Trata-se, assim, de outra travessia Atlântica, em tudo oposta à primeira viagem. Antes fora o trajeto da morte, dor e sofrimento, da escuridão e do mergulho na perda da identidade individual e coletiva. Agora é o contrário, apesar das incertezas, a travessia é libertadora e o espaço encontrado é o da esperança e do reencontro de pessoas e lugares. A personagem demonstra com isso que outra vida é possível, desde que as oportunidades contribuam para tanto, desde que a chama da luta e da esperança não sucumbam ao desespero e à dor.

O navio nesse momento representa, portanto um espaço topofílico, apesar da ansiedade, da incerteza e preocupação em retornar a um lugar já completamente desconhecido, o estar naquele navio, retornando a África, representava a superação, tornando-o um ambiente de alegria de esperança de um futuro.

Terceira travessia: o local onde a história começa e termina

Na terceira travessia realizada por Kehinde, o navio torna-se além do espaço pós-moderno ocupado por Ana Maria Gonçalves na produção de sua obra, o espaço da narrativa, pois é dentro dele que a protagonista buscará nos “guardados da memória”, elementos para construir sua história de vida

A obra é contada em *flash back*, Kehinde, com mais de oitentas anos, cega, que, encontrando-se em África, decide voltar para finalmente reencontrar seu filho. Entretanto, ela percebe que provavelmente não conseguirá realizar esta última travessia atlântica. Por meio de uma escriba, a quem ela ensinara a ler e a escrever, narra a seu filho toda sua vida de dor, de angústia, de procura e de frustrações. Fala da sua luta, dos sonhos e das realizações que conseguiu e de seu amor à vida. Tudo ocorre por meio da reavivação de suas memórias.

É comovente verificar que Kehinde, apesar de tudo que lhe ocorreu de pior, não perdeu sua humanidade.

Nesse momento, ela ocupa um espaço, tanto social e econômico quanto territorial, distinto, singular e transformador. O espaço é novamente o do navio, mas a situação, as perspectivas, o ambiente, são completamente diferenciados das duas outras viagens atlânticas anteriores. Não é mais o espaço do navio que usurpa liberdade, dignidade,

vidas, religiosidade, nomes e identidades, mas de um espaço reconstrutor das situações. O navio transforma-se no espaço da rememoração e do sentido do texto

É a partir do momento em que adentra o navio, nessa terceira viagem, que a saga de Kehinde verdadeiramente tem início. Trata-se de uma história escrita ao contrário, uma vez que o início da trama está no fim. Só dezenas de páginas após empreender a leitura é que o leitor percebe que o momento em que ocorrem os fatos e o momento em que são narrados não é o mesmo. Além de serem distintos, remotam a um passado bem distante, quase sem controle, a não ser o daquele fio de memória da personagem. É quando se percebe que a Kehinde de quando criança, inseparável de sua irmã gêmea, não é está ali, no convés do navio, já a respirar os ares do Brasil:

Quanto a mim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria. E talvez, num último gesto de misericórdia, qualquer um desses deuses dos homens me permita subir ao convés para respirar os ares do Brasil e te abençoar pela última vez. (GONÇALVES, 2006, p. 947).

Essa é a imagem que, apesar de ser última na obra, é das primeiras no tempo e espaço onde se dá a narrativa.

A obra ***Um defeito de cor***, corrobora, portanto, inteiramente essa imagem do mar e do navio como senhores da vida e da morte, como ambientes topofóbicos e topofílicos.

No *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, esses autores afirmam que o mar é:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes e as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2007, p. 592).

Tendo o navio simbologia semelhante de acordo com o dicionário de símbolos on-line:

O navio, assim como o barco, simboliza em diferentes culturas, uma travessia, uma viagem que cruza a fronteira do mundo material para o mundo espiritual, seja representando o nascimento ou a morte. O navio permite esta viagem da vida para a morte, ou vice-versa, transportando as almas, e simboliza proteção e segurança. (Disponível em: www.dicionariodesimbolos.com.br) Acesso em: 10.01.2016.

São as águas do mar que recolhem maternal e piedosamente os corpos dos mortos pela desassistência, pelo desprezo enquanto indivíduos e que servem de

sepultura líquida e transparente para os restos mortais daqueles que foram violentados, torturados e assassinados nos porões dos navios negreiros.

Por sua vez, o espaço do navio, assim como ocorre com o mar e com a água em geral, também está ligado à questão da vida e da morte. No romance, percebe-se nitidamente esse entrelaçamento e essa contradição.

Considerações finais

Temos, portanto, o navio negreiro da primeira viagem como um espaço de dor e de sofrimento, da morte física e simbólica do fim da liberdade e da perda de identidades. O da segunda viagem, por sua vez, transformado no espaço da esperança, da libertação e do recomeço. Na terceira travessia, o espaço do navio é o de redenção e das memórias, local onde é tecida a história. Sempre mediadas pelas águas oceânicas, que representam um espaço de legitimação de poder, espaço de dominação, subjugação ao mesmo tempo em que é um espaço de luta pela dignidade humana, representação de um processo que não termina nos porões dos navios negreiros ou nas senzalas, mas que se estende como forma de resistência até os dias atuais.

Nesse navio, por meio do resgate das memórias da vida, Kehinde deixa de herança a seu filho e a todos os afrodescendentes suas impressões sobre um Brasil do passado. A verdade sobre esse Brasil está, em parte, ausente da história nacional “oficial”. Situações deploráveis, porém, idênticas estão presentes nas periferias, nas favelas, na miséria e na exclusão do tempo atual. A representação literária e histórica de muitos autores, infelizmente, retrata o negro ainda hoje como inferior, subalterno, confirmando esta exclusão e a necessidade de resgate, mesmo que ficcional, para a construção de identidades, para o resgate de espaços de direito:

O romance (*Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves), se constrói num espaço intervalar entre memória e esquecimento cujas lacunas são preenchidas pelo resgate de imaginários de herança afro, atribuindo a si própria e à sua comunidade uma memória longa (G. Bouchard, 2009). As raízes dessa memória longa terão de ser buscadas muitas vezes do outro lado do Atlântico negro (cf. P. Gilroy, 2008), em tempos anteriores ao da travessia, preservadas na memória das mulheres que precederam a autora, em uma longa genealogia que remonta ao período inaugural do tráfico negreiro para as Américas. Ficam evidenciadas na narrativa: *i*) a memória histórica, que rememora fatos da história do negro no Brasil, deletados da historiografia oficial devido à condição que os descendentes de africanos ocupavam na sociedade brasileira; e *ii*) a memória familiar,

que restaura ensinamentos da sabedoria contida na *oralitura* das gerações que a antecederam. (BERND, 2012, p. 33).

Daí a importância deste romance, não só pela história que conta, na individualidade de uma personagem e de sua trajetória no espaço e no tempo, mas pelo papel que ele pode representar na sociedade, onde ainda se ouvem vozes de grupos racistas, onde o espaço que se quer destinado aos negros ainda é o da senzala ou o dos quilombos.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilé. Em busca dos rastros perdidos da memória ancestral: um estudo de Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves **Estudos de literatura brasileira** contemporânea, n. 40, p. 29-42, jul./dez. 2012.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à toponímia. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 9 ed. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução Cid K. Moreira. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. **Travessia**, São Paulo, v.13, n. Esp., jan. 2000.